O CASO FELCA E O ENGAJAMENTO PELA CONFIANÇA[1]
THE FELCA CASE AND THE ENGAGEMENT THROUGH CONFIDENCE

Vera França[2]
Paula Simões[3]
Chloé Leurquin[4]

Resumo: *O artigo investiga a repercussão do vídeo "adultização", publicado pelo influenciador digital Felca, em 2025, que o consolidou como uma espécie de guardião da segurança de crianças e adolescentes na Internet. Sob uma abordagem pragmatista, a pesquisa busca compreender por que a narrativa apresentada se destacou tanto na cena pública. A análise examina os elementos estruturadores do vídeo, bem como traços e valores agregados à face pública do influenciador que fomentaram uma relação de confiança entre esses interlocutores. Observa-se que, ao renunciar à monetização do conteúdo, Felca promove uma espécie de rompimento com a lógica neoliberal de busca por lucro, fortalecendo sua credibilidade em um ambiente marcado pela suspeição generalizada. O estudo conclui que o caso exemplifica como influenciadores digitais podem atuar como novos mediadores capazes de restaurar o "senso do fato", mobilizando a sociedade em torno de causas sociais urgentes.*

Palavras-Chave: *Felca. Confiança. Celebridade.*

Abstract: *The article investigates the public reception of the video "adultization," published by digital influencer Felca in 2025, which consolidated him as a kind of guardian of children's and adolescents' safety on the Internet. From a pragmatist perspective, the research seeks to understand why the narrative presented stood out so strongly in the public arena. The analysis examines the structuring elements of the video, as well as traits and values attached to the influencer's public persona that fostered a relationship of trust among these interlocutors. It is observed that, by renouncing the monetization of the content, Felca promotes a kind of break with the neoliberal logic of profit-seeking, strengthening his credibility in an environment marked by generalized suspicion. The study concludes that the case exemplifies how digital influencers can act as new mediators capable of restoring the "sense of fact," mobilizing society around urgent social causes.*

Keywords: *Felca. Confidence. Celebrity.*

1. Introdução

[1] Trabalho apresentado ao Grupo de Trabalho Comunicação e Sociabilidade. 35º Encontro Anual da Compós, Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). Natal - RN. 9 a 12 de junho de 2026.
[2] UFMG, Doutora, veravfranca@yahoo.com.br.
[3] UFMG, Doutora, paulaguimaraessimoes@yahoo.com.br.
[4] UFMG, Doutora, chloeleurquin@gmail.com.

A internet tornou-se palco de uma produção excessiva de informações, comentários, imagens. A profissão de “produtor de conteúdo” ou “influenciador" passa a ser almejada por milhares de pessoas. O resultado é um congestionamento e uma disputa de atenção e engajamento de públicos, mas também o embaralhamento de verdades e mentiras, o comprometimento da confiança, o crescimento da suspeição.

Entre os tantos casos emblemáticos que movimentam as redes sociais (lembremos do vídeo publicado pelo deputado federal de extrema-direita Nikolas Ferreira contendo desinformações sobre o sistema de pagamentos por pix e propostas de taxação do Governo, que viralizou nas redes sociais), chamou a atenção o impacto e a mobilização provocados por um desses influenciadores digitais, Felca, e de um vídeo postado por ele em agosto de 2025, “adultização”. Trata-se exatamente de uma denúncia dos excessos e distorções trazidos pelo mal uso das redes, da exploração e da violência sofrida por crianças nesse ambiente. Pode-se ter confiança nas redes? Pode-se confiar no próprio Felca? Num ambiente de suspeição generalizada, é possível ainda alcançar algum tipo de engajamento das audiências?

Frente a essas questões, nossa proposta, neste texto, é discutir o impacto provocado por esse vídeo, tendo em vista tanto o posicionamento assumido por Felca quanto o envolvimento de seus interlocutores. A análise procura apreender os elementos estruturadores do próprio vídeo, assim como traços e valores agregados à face pública do influenciador que ajudaram a construir uma relação de confiança entre esses interlocutores.

Metodologicamente, assumimos uma *abordagem pragmatista* (FRANÇA, 2016; FRANÇA; SIMÕES, 2020), atenta ao domínio da empiria e das ações que podem ser apreendidas no fenômeno analisado. Partimos de uma descrição do próprio vídeo, realizando uma análise do *footing* (GOFFMAN, 2002) de Felca, ou seja, da postura assumida por ele, assim como dos eixos temáticos a partir dos quais a narrativa é construída. Para analisar parte do engajamento despertado pelo vídeo, olhamos para comentários ao vídeo postados no Youtube. Selecionamos, de forma arbitrária, os 50 comentários apontados como mais relevantes pela própria plataforma. Desses, recortamos 38 para integrar o *corpus* para a reflexão, tendo em vista os comentários com maior engajamento (pelo número de curtidas e respostas) e postados “há 5 meses”, ou seja, quando o vídeo foi publicado, para uma leitura qualitativa.

Dessa forma, o texto está dividido em duas partes, além desta introdução e das considerações finais. Na próxima seção, apresentamos uma breve trajetória de Felca,

analisamos o *footing* assumido por ele e destacamos os eixos temáticos abordados pelo vídeo. Na seção seguinte, discutimos os seguintes operadores analíticos: celebridades e influenciadores digitais, engajamento, relações de confiança e suspeição. Dialogando com tais operadores, construímos uma leitura do vídeo e do engajamento despertado nos comentários, procurando compreender o cruzamento de elementos que impulsionaram a visibilidade do próprio Felca quanto do tema da adultização no debate público.

2. Felca[5]

Felipe Bressanim Pereira, de 27 anos, nasceu em Londrina (PR) e atua nas redes sociais digitais, desde 2017, quando criou seu canal no Youtube e começou a produzir conteúdo.[6] Conhecido como Felca, ele conta atualmente com 6,43 milhões de inscritos nessa plataforma[7], sua conta no Instagram (@felca0) acumula 18,4 milhões de seguidores e no TikTok (@felca), 7,7 milhões. Seus vídeos mais vistos no Youtube (marcados por um tom humorístico, satirizando figuras públicas e produtos) têm ampla repercussão e acumulam milhares de visualizações. Destacam-se, por exemplo, um vídeo em que experimenta uma base da marca de cosméticos da influenciadora digital Virgínia (22 milhões de visualizações) e um outro em que ele fala sobre o vício de assistir a "lives NPC" no Tik Tok (5,6 milhões).[8] São vídeos caracterizados por um humor cáustico, uma ironia enunciada de forma mais séria, em que ele brinca com a imagem de outros e dele mesmo.

Mas o grande acontecimento que projetou Felca no cenário de visibilidade para além de seu nicho específico nas redes digitais foi a publicação do vídeo "adultização", em 6 de agosto de 2025.[9] Neste, há uma mudança de tom: do humor para a seriedade, ainda que mantenha a ironia e um certo sarcasmo em vários momentos. Com uma duração de quase 50

[5] Para reconstruir a trajetória do influenciador foram consultadas as suas redes sociais digitais, além de um perfil publicado pelo Portal G1 (https://g1.globo.com/pr/norte-noroeste/noticia/2025/08/08/quem-e-felca-youtuber-que-denunciou-o-influenciador-hytalo-santos-por-exploracao-de-menores.ghtml). Todos os dados foram coletados no dia 26 de janeiro de 2026.

[6] O vídeo mais antigo disponível nessa plataforma data de 25 de fevereiro de 2019 (https://www.youtube.com/watch?v=3gjtVv9DflE)

[7] https://www.youtube.com/@felcaseita

[8] Trata-se de vídeos em que influenciadores imitam "personagens não-jogáveis" (non-playable character), de forma humorística, conquistando seguidores e arrecadando dinheiro.

[9] https://www.youtube.com/watch?v=FpsCzFGL1LE

minutos (bem maior do que a média de seus outros vídeos), o vídeo é uma crítica contundente ao uso da Internet e à adultização e sexualização de crianças. Nele, Felca faz uma colagem de extratos de outros vídeos, entremeados por comentários dele e de especialistas na contextualização do problema público que procura denunciar. É importante refletir aqui sobre o tom assumido pelo influenciador no vídeo, a sequência da narrativa, o posicionamento assumido por Felca e as críticas que dele emergem, os valores que estão associados em sua postura e, por fim, a repercussão e os desdobramentos acarretados por ele.

O vídeo é todo estruturado em tom sério e de denúncia - e Felca reitera isso em vários momentos da narrativa. Já no início, uma mensagem de alerta de gatilho aparece em um fundo preto: "Este conteúdo aborda temas sensíveis como: abuso sexual infantil, pedofilia, sexualização precoce e adultização de crianças. Caso esses assuntos te afetem, recomendamos cautela ou procurar apoio profissional. Este vídeo tem fins informativos e de denúncia." Ele adverte que "é um assunto extremamente sério", "não é para todos os públicos" (maiores de 18 anos), comprometendo-se com "qualquer consequência que possa advir de mexer nesse vespeiro".

Felca introduz o tema da adultização a partir de exemplos de "empresários mirins" que criticam a escola (ela "complica a vida do empreendedor"); rechaçam o conhecimento (dizem que não querem fazer faculdade e que saber quem foi Aristóteles não ajuda em nada na vida); e exaltam a meritocracia (se você está na merda, a culpa é sua). Ele vê como blasfêmia um menino que conta quanto ganhou de dinheiro ao longo de um culto (usando *dropshipping* na igreja). Felca critica todo esse processo de adultização das crianças em uma busca desenfreada por retorno financeiro, visibilidade e sucesso. Outros exemplos "divertidos" são acionados para exibir a busca frenética de pessoas pela monetização em cenas humilhantes e degradantes. Nesse contexto de buscar (e conquistar) cada vez mais visibilidade e engajamento, Felca dirige seu foco (e sua denúncia) para a exposição e a erotização de corpos infantis - um problema que indica uma "sociedade em colapso".

Os outros exemplos que compõem a narrativa trazem de forma contundente a exploração de crianças pela própria família (caso Bell para Meninas), a exposição e a sexualização de crianças e adolescentes por outros adultos (caso de Hytalo Santos e Kamylinha) até a produção de conteúdos pornográficos pagos destinados a pedófilos (caso de Caroliny Dreher).

O posicionamento de Felca ao longo da narrativa é de um interlocutor sério, de roupas pretas em um fundo branco, que dirige um olhar direto para a câmera e convoca a família (mães, pais, responsáveis) e as autoridades para um assunto urgente, mas pouco discutido, isentando as crianças e adolescentes de qualquer culpa na questão. Ele assume um tom didático ao explicar como funciona o "Algoritmo P" que movimenta as redes de pedofilia na Internet, evidenciando os riscos a que crianças e adolescentes estão submetidos. Para trazer credibilidade a seu posicionamento, Felca recorre a matérias jornalísticas e a especialistas em infância e adolescência para tratar da questão e das consequências que um trauma pode trazer na vida de uma pessoa.

Nesse sentido, emerge desse vídeo de Felca um conjunto de críticas: à falta de limite e dignidade das pessoas na busca por monetização e visibilidade nas redes sociais digitais; ao menosprezo do conhecimento e da escola por crianças que deveriam estudar em vez de criar conteúdo na Internet; à sexualização e objetificação de crianças; à irresponsabilidade criminosa de pais, mães e outros adultos, e à falta de punição; à criação de indivíduos doentes, traumatizados, que viverão uma série de problemas na vida adulta.

Com isso, é possível apreender um conjunto de valores que estão agregados a seu posicionamento: a infância como uma etapa fundamental do desenvolvimento humano e a importância do cuidado infantil para preservar a formação e a dignidade de crianças e adolescentes; a família como esse alicerce básico que estrutura a vida das pessoas, evidenciando o papel de mães, pais e responsáveis; a importância do conhecimento e das instituições que o produzem e o divulgam (a ciência e a imprensa, por exemplo); o respeito aos espaços religiosos e à religião; a constituição de identidades saudáveis e *selves* fortes a partir de uma boa formação na infância e na adolescência.

Este vídeo se distinguiu dos demais produzidos pelo influenciador e conquistou uma ampla repercussão desde as primeiras horas de sua publicação, alcançando 52 milhões de visualizações e 300 mil comentários (em 13 de fevereiro de 2026). Felca foi convidado para participar de vários programas de entrevista (como *Fantástico*, *Conversa com Bial* e *Altas Horas,* por exemplo). A temática impulsionou comentários, compartilhamentos e posicionamentos de sujeitos políticos à esquerda (como a deputada federal Érica Hilton) e à direita (como o deputado federal Nikolas Ferreira) do espectro ideológico e intensificou o debate sobre a regulamentação e a responsabilização das redes, culminando na aprovação da "Lei Felca" (como ficou conhecida a Lei nº 15.211/2025, ou Estatuto Digital da Criança e do

Adolescente, que dispõe sobre a proteção de crianças e adolescentes em ambientes digitais).[10] A publicação também motivou doações a instituições que cuidam de crianças e elevou o número de denúncias contra exploração sexual infantil no Brasil.

Ao olhar para esse vídeo e sua repercussão, algumas perguntas surgem: por que ele teve tanto impacto? Por que ganhou tamanha credibilidade junto a públicos tão diferentes? A gravidade do problema público que é denunciado certamente pode explicar parte da repercussão. Mas não se trata de uma crítica isolada, como o próprio vídeo destaca a partir de trechos de matérias jornalísticas e depoimentos no Jornal da Record e no Jornal da Band. Por que a narrativa apresentada por esse influenciador digital se destacou tanto na cena pública?

As respostas não são simples, e refletir sobre o impacto deste vídeo é apenas um dos inúmeros aspectos trazidos pela questão. Em sintonia com o que temos trabalhado em nosso grupo de pesquisa,[11] tomamos como operadores analíticos, neste texto, os conceitos de celebridades e influenciadores digitais, engajamento, relações de confiança e suspeição.

3. Alguns eixos conceituais

3.1. Influenciadores digitais no contexto neoliberal

O cenário de visibilidade contemporâneo vem sendo disputado por inúmeras pessoas em busca de fama e sucesso, tratando dos mais diversos temas. Pessoas que compartilham seu cotidiano a partir da moda, de dietas saudáveis, do culto ao corpo, de jogos de videogame ou de futebol, por exemplo, tentando sair do anonimato e se projetar de alguma forma na cena visível. Vivemos em uma sociedade em que a própria visibilidade se converteu em um valor ou uma nova forma de capital (HEINICH, 2021), que vem produzindo os chamados *influenciadores digitais.*

Influenciadores digitais são "sujeitos que atuam com produção de vídeos, textos e imagens nas plataformas digitais e que vivem financeiramente dessa atuação" (KARHAWI, 2024, p. 105). Também chamados de *creators* (ou criadores de conteúdo), eles atuam nas diferentes plataformas (como Instagram, Tik Tok, YouTube), procurando aprimorar seu "trabalho de visibilidade" (ABIDIN, 2016) e "escapar da ameaça de invisibilidade

[10] https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2025/lei/L15211.htm
[11] Grupo de Pesquisa em Imagem e Sociabilidade (GRIS/UFMG).

algorítmica" (KARHAWI, 2024, p. 108). Independente do conteúdo a ser produzido, é interessante prestar atenção na maneira como se apresentam e a imagem de si que buscam construir, os assuntos abordados, o tom (humor, ironia, seriedade), o tipo de público que se quer atingir, além de estratégias de monetização. Dependendo da projeção que alcançam, influenciadores podem se tornar *celebridades* - conhecidas, reconhecidas e cultuadas por aquilo que são ou fazem, retomando a reflexão de França (2014). Influenciadores e celebridades conquistam maior ou menor adesão dos públicos a partir dos valores que procuram agregar à sua face pública e que são proeminentes no contexto social que os projeta.

Milhares de influenciadores conquistam sucesso ao compartilhar conteúdos engraçados e, aparentemente, despretensiosos em seu cotidiano – e acabam permanecendo nesse nicho do entretenimento. Outros influenciadores começam sua trajetória assim e, com o tempo, transformam sua atuação para abrigar também pautas sociais e políticas – como é o caso do *youtuber* Felipe Neto, que incorporou o combate à desinformação e ao bolsonarismo nas eleições de 2022 e pode ser visto como uma *celebridade-política* (FRANÇA; LEURQUIN, 2022). Essa mudança de atuação pode trazer maior ou menor engajamento dos públicos e, consequentemente, maior ou menor retorno financeiro.

Felca constrói com seu vídeo não só uma denúncia sobre o fenômeno da adultização ou das estratégias de pedofilia em ambiente digital, mas apresenta um retrato de sujeitos dos nossos tempos, empreendedores em busca do sucesso individual. Enquanto influenciador digital, Felca é um deles. No entanto, faz uso do lugar privilegiado que alcançou para tecer uma crítica ao ambiente em que se torna célebre, à sociedade e aos costumes contemporâneos, como a batalha pela monetização.

Sujeitos do nosso tempo, os influenciadores digitais também estão inseridos na lógica neoliberal. Independentemente do estilo que adotam ou dos públicos que convocam, a construção de uma imagem pessoal de sucesso remete à valorização de uma individualidade.

O neoliberalismo opera não apenas como uma política econômica ou uma ideologia, mas como uma lógica de mercado que orienta as práticas cotidianas. Nesse quadro, o chamado "governo de si" e a lógica meritocrática enfatizam os ideais de sucesso pessoal. Os sujeitos neoliberais passam a figurar como exemplos de sucesso alcançado por meio do esforço individual, destacando uma suposta resiliência combinada com uma avidez para conseguir ser bem-sucedido no que se propõem a fazer. É dessa forma que a lógica neoliberal se imprime

tanto como um sistema governamental estável e sólido, quanto como uma prática estruturada, até mesmo na intimidade subjetiva (LAVAL, 2020).

O governo, aqui, é compreendido como uma instituição dotada de dispositivos, técnicas e procedimentos de controle dos indivíduos (DARDOT; LAVAL, 2016). A governamentalidade, por sua vez, manifesta-se quando as formas de governar os sujeitos entram em consonância com as maneiras pelas quais eles passam a governar a si mesmos. O mercado neoliberal deixa de se organizar prioritariamente em torno da troca e passa a se estruturar pela concorrência, difundindo seus valores aos indivíduos, que começam a se perceber como empresas de si e a gerir a própria vida segundo essa lógica.

Tendo a concorrência como motor, a subjetividade contemporânea é movida pela exigência de ser sempre melhor e de se destacar em relação aos outros. Nesse contexto, ganha destaque a figura do empreendedor, que se considera desconectado da empresa onde trabalha e se sente responsável pelo próprio sucesso – ou fracasso. Torna-se evidente, assim, que a racionalidade neoliberal, bem como as pressões e frustrações inerentes às "empresas de si", incidem de forma intensa sobre a construção da individualidade, produzindo efeitos de adoecimento coletivo.

Empreender passa a ser sinônimo de vencer. A figura do grande executivo e do empreendedor assume, portanto, uma conotação positiva. A lógica do empreendedor de si rompe com o modelo hierárquico tradicional que historicamente estruturou a sociedade e opera como uma espécie de genealogia invertida. É nesse cenário que emergem (e são valorizadas) figuras oriundas de trajetórias não tradicionais, que se impõem simbolicamente pelo "mérito" e pelo esforço individual, alcançando visibilidade e reconhecimento social. É aqui que surge mais fortemente o culto da performance, da ilusão da possibilidade do governo de si mesmo.

A partir da ilusão de autonomia que essa lógica produz, os trabalhadores passam a ser submetidos a dinâmicas cada vez mais intensas, nas quais o descanso e o lazer são frequentemente sacrificados em nome de um ideal de sucesso. Nessa busca incessante por reconhecimento (sustentada por jornadas de trabalho ininterruptas), os influenciadores digitais são atravessados pelo que Karhawi e Prazeres (2022) denominam de exaustão algorítmica. O trabalho mediado por plataformas digitais, marcado pela ausência de garantias trabalhistas, de

horários definidos e de remuneração estável, impõe uma interdependência constante entre as diferentes esferas da vida do sujeito, convocado a produzir conteúdos em um ritmo acelerado e permanente. Nesse contexto, instala-se um sentimento constante de insatisfação, desânimo e esgotamento, ausência de criatividade, medo de penalidades das plataformas e de 'não dar conta'." (KARHAWI; PRAZERES, 2022, p. 800).

A exaustão algorítmica dos influenciadores digitais é uma das facetas do individualismo que acomete o sujeito neoliberal, submetido a demandas de alta produtividade, à sobrecarga decorrente do acúmulo de funções e a um "ambiente de trabalho" marcado pela precarização e pela toxicidade. O sucesso, nesse contexto individualizado e concorrencial, não é mais medido (e monetizado) só pela performance dos influenciadores, mas a partir do engajamento que alcançam.

3.2. Engajamento

O engajamento de seu público e a natureza desse engajamento se tornam, sem dúvida, a meta e a grande realização dos influenciadores. É a contra-face da performance e o elemento que mostra o quanto o sucesso tem uma dimensão relacional, interacional.

Engajamento vem do francês antigo *engager* e da palavra *gage,* que é garantia, penhor (dar tal coisa em *gage*). *Engager* é dar como garantia, empenhar. Em português, o dicionário traz como sinônimos para engajamento as palavras *compromisso, empenho, envolvimento, participação*. Duas ideias confluem no sentido desse termo: compromisso (eu garanto meu empenho) e dedicação (eu faço minha parte).

Goffman estuda de forma detalhada as diversas formas de envolvimento - ou engajamento (Goffman usa as duas palavras de forma indistinta) - de indivíduos em uma interação face a face, explorando sobretudo a linguagem corporal. Uma das propriedades de nossas interações, ele diz, é a "atividade ocasionada", que significa adotar o comportamento socialmente adequado em situações específicas. "Engajar-se, numa atividade ocasionada significa manter algum tipo de absorção cognitiva e afetiva por ela, alguma mobilização de recursos psicobiológicos: resumindo, significa estar *envolvido* com ela" (2010, p. 46, grifo do autor). Sua abordagem é situacional; o tipo de envolvimento desenvolvido por um indivíduo decorre de sua leitura "correta" de uma situação, ou seja, apresentar um comportamento esperado e compatível com a situação em um determinado contexto cultural.

As interações face a face são divididas pelo autor em dois tipos: a desfocada, "preocupada com o que pode ser comunicado entre pessoas meramente através de sua presença conjunta na mesma situação social"; e a focada, "tratando de aglomerados de indivíduos que estendem uma licença comunicativa especial mutuamente e sustentam um tipo especial de atividade mútua que pode excluir outros presentes na situação" (GOFFMAN, 2010, p. 95). Numa grande reunião de pessoas, como uma festa ou um congresso, uma interação focada pode acontecer entre um pequeno grupo que estabelece uma conversação específica entre si. Ao mesmo tempo, essas pessoas se dão conta de outras que estão presentes no mesmo ambiente, estão vendo e sendo vistas, sem estabelecer nenhum contato mais direto, o que significaria uma interação desfocada.

Uma das formas da interação desfocada é chamada por ele de *desatenção civil*, quando uma pessoa demonstra que percebe a presença da outra, mas indica que ela não é "alvo de curiosidade ou intenção especial" (p. 96). A pessoa dá sinais de que compreende que a outra está presente, sem prestar muita atenção. A interação, no entanto, pode mudar, pois, de um momento para outro, eles podem proceder a um engajamento mútuo em interação focada (p. 101).

Nesse tipo de engajamento, há uma "jogada de abertura", em que a emissão de sinais capta a atenção do interlocutor abrindo-se para um contato direto e se coloca à disposição para a atividade mútua. É através desse tipo de engajamento que nos conectamos com os outros, construindo a própria sociedade em suas múltiplas dimensões.

Os trabalhos de Goffman são voltados especificamente para as interações face a face.[12] Porém, suas contribuições podem ser retomadas para pensar sobre as outras formas de interação midiática e, hoje, também para as interações mediadas pelas redes sociais digitais, fazendo as adaptações necessárias a esse novo contexto.

Comunicações através das mídias convencionais ou comunicações pelos meios digitais constituem interações entre pessoas, cada uma delas exibindo suas especificidades. Quando pensamos no caso de influenciadores digitais, entendemos que todos eles almejam claramente convocar a atenção dos usuários, criar e fidelizar seguidores. Os usuários da internet, no entanto, que "passeiam" pelas redes, que registram ou seguem múltiplas figuras, não têm condições práticas e nem sempre têm interesse para interagir com todos eles. Digamos que eles

[12] Apenas em seus últimos trabalhos, ele começa a se abrir para o terreno midiático, como em *Gender Advertisements* (GOFFMAN, 1979).

desenvolvem inicialmente uma interação desfocada com uma gama de produtores de conteúdos. Ao mesmo tempo, entre a gama de indivíduos que ensaia uma carreira de sucesso via redes digitais, uma imensa maioria fica pelo caminho.

No entanto, alguns desses produtores (pela conjunção de uma série de elementos) desenvolvem um poder atrativo maior, uma performance mais sedutora, uma convocação que toca pontos sensíveis da audiência que alcança, criando então seu próprio público. Podemos classificar essa nova dinâmica como interação focada. É verdade que os papéis e o tipo de intervenção dos dois polos dessa interação – o influenciador e seus seguidores – é bastante desigual, e a grande maioria dos seguidores constitui rostos anônimos para o influenciador. A dinâmica que os envolve, no entanto, é de reciprocidade. O influenciador estimula seu público, que reage de volta, reforçando alguns traços e forçando a mudança de outros ao longo da troca que se estabelece entre eles. O produtor de conteúdo é o eixo detonador da relação; os seguidores respondem e adotam comportamento de intimidade em relação a ele, que, por sua vez, reage de volta e, dirigindo-se a todos, simula estar interagindo com cada um.

Sabemos que tornar-se uma celebridade da internet se converteu em um valor em nossa sociedade, e o objetivo de milhares ou milhões de indivíduos. Ao começar suas atividades, o candidato a influenciador sabe que inicialmente será apenas (ou quando muito) alvo de uma interação desfocada. Perceber sinais de que está sendo visto, de que foi notado, se torna um estímulo a mais para reforçar seu empenho e sua performance, direcionar sua atuação, aperfeiçoar sua *atividade ocasionada*. Podemos pensar na *jogada de abertura* que um influenciador constrói a partir de seu olhar e de seu tom de voz, procurando captar a atenção visual e cognitiva de seguidores, e em como a *desatenção civil* de outra celebridade ou de uma mídia estabelecida (que registra a presença sem dar muita atenção) fazem parte do processo de alcançar uma interação focada, calcada no engajamento de seus seguidores, da constituição de "seu" público.

Um acontecimento ou um vídeo pode captar grande atenção, suscitar engajamento, estabelecer uma interação focada. Mas não necessariamente ter desdobramentos. Afinal, o engajamento (nas interações via Internet ou na vida cotidiana) tem gradações, ocorre dentro de uma escala: distribuímos nossa atenção e envolvimento dentro de critérios como disponibilidade, interesse, humor, relações de identificação e/ou projeção. Tanto em nossas

relações pessoais/presenciais como nas relações à distância de todo tipo, podemos manter interações intermitentes com nossos interlocutores.

Mas é possível – e a dinâmica produtiva da internet favorece isso – que aquela conjunção ali estabelecida (a atividade mútua construída) possa trazer desdobramentos que vão além da interação pontual, a depender da extensão do engajamento que se dá entre membros da audiência e um produtor. Lembrando Goffman, engajar-se significa envolver-se cognitiva e afetivamente, mobilizar recursos psicobiológicos naquela interação.

Como dissemos no início, o engajamento alcançado por Felca e pelo vídeo "adultização" foi surpreendente: 52 milhões de visualizações e mais de 300 mil comentários no Youtube (em 13 de fevereiro de 2026), participação do influenciador em programas de televisão, portais na internet e podcasts. A rapidez com que o vídeo se espalhou, a quantidade de comentários, o destaque recebido por seu produtor e a maneira como repercutiu nas esferas institucionais são indicadores indiscutíveis de que ali se estabeleceu uma interação focada cujos ecos ainda podem ser percebidos.

A relevância do problema público ali denunciado certamente foi o elemento-chave na repercussão do vídeo e na importância alcançada pelo influenciador. Porém, o conteúdo não explica sozinho tamanha reverberação, e é preciso destacar outros elementos que atuaram: o tom impresso na denúncia, a evidência factual do vídeo, a postura e o papel de Felca – alguém que também se projeta nas redes sociais e que denuncia os perigos que rondam esse espaço. Estar no mesmo meio e entender essa dinâmica aumentam, sem dúvida, sua credibilidade

Além desses aspectos, mais relacionados ao enunciador e à sua produção, é preciso também destacar o contexto cultural, que atua e interfere na maior ou menor adesão alcançada por uma interação (ou processo interativo), e diz respeito ao compartilhamento de valores, ao quanto as pessoas se identificam e se veem tocadas em sua experiência por aquilo que é exposto. Ao olhar para os comentários expressos na própria plataforma, encontramos indícios que ajudam a entender a conexão que se estabeleceu entre Felca e os diferentes públicos alcançados, tendo em vista os valores evidenciados e a experiência vivida das pessoas. Não houve propriamente um estranhamento, mas a exposição ostensiva de algo que se sabia sem querer de fato assumir.

Além disso, percebemos também um importante fator de classe: através da internet, crianças e jovens de todas as classes sociais estão expostas. Se a exploração sexual de menores de idade incide sobremaneira nas classes desfavorecidas, as redes sociais estendem o risco para

todo o público infantojuvenil. O resultado positivo dessa extensão do risco são os movimentos que visam a submetê-las a um controle etário.

No pequeno *corpus* recortado para esta reflexão (explicitado na Introdução), percebe-se que as pessoas se engajam a partir de valores que foram duramente atingidos pelos fatos expostos e valores que foram defendidos por Felca. O bem, a justiça e a coragem do influenciador foram enumerados pelos comentários, impulsionando o respeito e o reconhecimento de que ele se torna merecedor ao denunciar um "caso urgente de utilidade pública".

Felca é visto como um "influenciador de verdade" e como motivo de orgulho, usando sua visibilidade para fazer a denúncia, sem interesse financeiro, abrindo mão da monetização que o vídeo poderia proporcionar. Ele é apontado até como um herói nacional, um "Batman da Internet", "que sabe ser influencer de verdade". Gratidão e admiração são emoções evidenciadas também nos comentários analisados em que o próprio vídeo é visto como um "patrimônio nacional", um "verdadeiro documentário" que desbancou outras instituições como o jornalismo, a justiça e as emissoras de TV. Além dos elogios e estímulos, algumas pessoas acionaram suas experiências pessoais de abuso na infância para destacar o papel de Felca e do vídeo na prevenção a esse tipo de crime, garantindo a segurança e a dignidade de crianças e adolescentes.

Como registrado no início, a força da denúncia teve importante repercussão no âmbito institucional, com a aprovação da "Lei Felca" (Lei nº 15.211/2025). Mas é preciso lembrar também que o vídeo acionou engajamentos contrários. "Odiamos você", "Felca seu feio", "Você vai ver", "Quero injustiça", "Você arruinou a vida de todo mundo" são algumas frases que integraram a "Revolta do Roblox", em janeiro de 2026. A plataforma de criação e disputa de jogos online implementou novas diretrizes de segurança, acarretando protestos de crianças em relação à segregação etária no uso do chat[13]. Mesmo Felca não tendo relação com essas medidas, foi responsabilizado pela restrição imposta às crianças. Da mesma maneira, alguns protagonistas mirins da exploração infantil - como a Bel (do caso Bel para Meninas) e Kamylinha (do canal de Hytalo) - gravaram protestos, dizendo que tiveram suas vidas destruídas por Felca.

[13] Houve especulação se seriam mesmo protestos infantis ou de adultos mal-intencionados fazendo-se passar por crianças.

Todos esses aspectos - gravidade do problema, postura do apresentador, valores que convoca - confluem e se somam para explicar o sucesso de um influenciador digital e de um vídeo de forma específica. Porém, existe ainda um outro aspecto, pouco tratado, que se mostra decisivo na definição do grau e da qualidade de nosso engajamento nas várias interações que estabelecemos: a confiança que depositamos no outro com o qual nos relacionamos. A confiança é mais do que admiração e respeito suscitados por um interlocutor numa determinada situação. Ela é uma postura e nos parece de grande importância para refletir sobre a maneira como as pessoas se engajam em suas diversas interações (dentro e fora da Internet).

3.3. Confiança

O cenário de individualização e atomismo que marca o mundo contemporâneo é ainda atravessado por outras dinâmicas que atuam enfraquecendo o tecido social: a descrença na política, as fake news (ou desinformação), as relações superficiais e passageiras, configurando *sociedades líquidas*, conforme nomeação de Bauman (2021). Esse conjunto de variáveis alimenta o que tem sido sentido como uma "crise da confiança" (QUÉRÉ, 2024) ou uma "cultura da suspeição" (O'NEILL, 2002 *apud* QUÉRÉ, 2024).

A questão da confiança dialoga diretamente com o caso Felca e o impacto causado pelo vídeo "adultização". Por um lado, a denúncia do influenciador mostra os riscos e a falta de confiabilidade das redes sociais, assim como a negligência (ou ação criminosa) de pais e mães que deixam de atuar como polo de segurança e elo de confiança dos filhos, fundamentais para a constituição de um *self* equilibrado e saudável.

Mas cabe também falar da credibilidade do próprio Felca e da denúncia que ele apresentou. A maneira como a denúncia foi acolhida e a projeção que ele mesmo alcançou indicam que foi tratado como pessoa confiável. Foi a figura dele que atribuiu credibilidade ao vídeo, ou foi este que projetou Felca como pessoa confiável? Antes de tentar responder a estas questões, parece-nos importante discutir a própria noção de confiança, apoiando-nos, sobretudo, na discussão de Quéré (2024).

A palavra tem vários sinônimos: certeza, crédito, fé, fiança, fidúcia. Também recebe tratamento diferente na obra de filósofos e sociólogos. Sua origem remete ao latim *confidentia*, que deriva do verbo *confidere* (acreditar plenamente), formado pela junção do prefixo com (junto) e fidere (ter fé). Fidere vem de *fides* (fé). Portanto, sua etimologia aponta para a ideia

de "acreditar firmemente" em alguém, em alguma coisa. Confiança não existe isolada do outro termo ao qual remete.

Trata-se de fator essencial na constituição do tecido social. Podemos falar da confiança nas nossas relações pessoais, nas diversas relações entre os membros de uma sociedade – entre si e com as instituições. Conforme destacado por diferentes autores, a confiança é em grande medida o fiador do "contrato social", sem o qual uma sociedade não se constituiria[14].

Simmel (conforme apresentado por Quéré) trata da confiança em duas inscrições distintas. No livro *A filosofia do dinheiro,* ele discute como a moeda, o sistema financeiro, a existência de bancos, dos fundos de investimento só se tornam possíveis acionando uma ideia forte e sedimentada de confiança. Na obra *A sociologia do segredo e das sociedades secretas,* Simmel trata dos fortes laços de confiança e de partilhamento entre os membros de sociedades secretas (maçonaria, máfia).

Na literatura inglesa sobre o tema, autores usam palavras distintas: *confidence*, *reliance, trust*. Sendo parecidas, cada uma convoca um tipo de significado. *Confidence* acentua a segurança, a convicção de poder contar com algo ou alguém (QUÉRÉ, 2024, p. 66-67). Para o filósofo Hertzberg, *reliance* é fundada sobre razões, e nela intervém um julgamento, enquanto *trust* consiste mais numa reação de uma pessoa frente a outra, sem passar pelo julgamento daquilo que está em questão (QUÉRÉ, 2024, pp. 66-67).

Do ponto de vista da teoria das escolhas racionais (HARDIN, 2001 *apud* QUÉRÉ, 2024, p. 29), confiança é uma categoria cognitiva, baseada no conhecimento, no cálculo, no raciocínio (o diploma e a experiência de um médico fundamentam a confiança de seus pacientes). Quéré (2024, p. 99-100) questiona essa abordagem: "confiança calculista é uma contradição entre termos"; onde há previsibilidade, não precisamos de confiança. O credor que exigiu uma fiança do devedor não precisa ter confiança nele: ele tem uma garantia. Para o sociólogo, a confiança vai além do cognitivo e inclui certa incondicionalidade; ela se baseia num crédito, numa convicção que ultrapassa comprovações prévias.

Quéré retoma as reflexões de Dewey para pensar a confiança como um movimento ativo, projetivo, qualitativamente dinâmico (QUÉRÉ, 2024, p. 119). Ela não se resume a um

[14] Tanto o interacionismo de Goffman como a etnometodologia de Garfinkel se apoiam na ideia de uma ordem social compartilhada e posta em prática no bojo das condutas sociais; em suas atividades cotidianas, os indivíduos se conduzem conforme essa ordem e confiam que os outros farão o mesmo (GOFFMAN, 2010; GARFINKEL, 2018).

sentimento, mas se traduz no nosso comportamento, nas nossas ações: um comportamento de delegar, um agir baseado numa projeção. A confiança não é (apenas) um estado de consciência: ela existe concretamente quando me associo a um grupo, deposito meu dinheiro num banco, ingresso numa causa.

Nas nossas relações, confiança significa um reconhecimento social, uma atribuição de autoridade àquele que a recebe. E é marcada pela reciprocidade: a confiança implica direitos e pretensões por parte daquele que confia e responsabilidade e compromisso por parte do que é investido de confiança.

Simmel apresenta quatro momentos da confiança: *cognitivo* (que se refere ao conhecimento tanto dos indivíduos quanto da tradição, das regras institucionais); *moral* (tem a ver com valores); *afetivo* (a confiança é revestida de sentimentos, constitui uma adesão sensível) e *prático* – que é o momento qualitativo de nosso engajamento recíproco. Quéré entende a confiança, sobretudo, a partir dessa *ordem prática*: trata-se de um engajamento, de uma atitude ativa (2024, p. 175). O percurso até a concretização da confiança é construído a partir de uma *ordem epistêmica,* que inclui o julgamento, a crença ou o conhecimento (2024, p. 175).

As crenças ajudam a sedimentar o terreno rumo a uma construção mais forte da confiança – o que nos remete às reflexões de Peirce sobre a fixação das crenças e o modo como elas orientam as nossas ações. Para o pragmatista, as dúvidas que povoam nosso pensamento geram inquietação e desconforto, impulsionando a busca por crenças capazes de apaziguar nosso estado, que se torna "calmo e satisfatório". E as crenças guiam nossos desejos e moldam nossas ações (PEIRCE, 2026 [1877], p. 7). As crenças têm, assim, três propriedades:

> [...] primeiro, é algo de que nos damos conta; segundo, sossega a irritação do pensamento; e, terceiro, implica a determinação na nossa natureza de uma regra de acção, ou, numa palavra, de um hábito. Quando sossega a irritação da dúvida, que é o motivo do pensamento, o pensamento acalma-se, e descansa o momento em que chega a crença. (PEIRCE, 2026 [1878], p. 9)

Nesse sentido, podemos pensar que as crenças (integrantes da *ordem epistêmica* discutida por Quéré) participam dos momentos cognitivo, moral e afetivo que conduzirão ao estabelecimento da confiança e do engajamento recíproco que a constitui (configurando a *ordem prática*). As crenças movem nossas ações e nossos desejos, impulsionando a confiança

em pessoas e instituições. E, portanto, o abalo das crenças pode abalar também a confiança, estimulando a desconfiança nas relações e enfraquecendo o engajamento das pessoas.

A crise da confiança no mundo contemporâneo é discutida também por um outro viés: a cultura da suspeição.[15] Aparentemente, as duas questões parecem duas faces da mesma moeda. No entanto, se elas se complementam, há distinções. A confiança, como dissemos acima, se estabelece sempre num quadro relacional: confiança (ou falta de confiança) em alguém, em uma instituição, em alguma coisa. A suspeição – que é diferente da dúvida e do questionamento[16] - é um estado geral de recusa ou de negação. Diz de um sentimento arraigado de que tudo são maquinações, que nada é confiável. Quéré destaca o quanto ela é deletéria à vida social. A confiança é uma forma de "inteligência social": confiamos e buscamos nos tornar confiáveis para que a convivência e nossas ações no mundo se tornem possíveis. A suspeição, além de estimular a inação, traz sérias repercussões no quadro institucional: a recusa da deferência e a "sui-autorisation", expressão francesa que poderia ser traduzida por "sob autorização". Só que, neste quadro, não se refere exatamente à autorização de uma outra pessoa ou autoridade, mas, ao contrário, à negação de um sistema de autoridade externo e ao autorizar-se a si mesmo.[17]

Quéré associa esse sentimento de se auto-autorizar ao individualismo expressivo (que nasceu com o romantismo) e à "era da autenticidade", conforme Taylor, em que há a busca por uma vida plena em modo egocêntrico, fazendo com que a sinceridade pessoal passe a ser vista como o critério criador da verdade. O filósofo avalia positivamente o ideal de autonomização e florescimento do *self* que se desenvolveu na sociedade moderna, mas ressalta que tais mudanças "favoreceram um humanismo exclusivo ou auto-suficiente" que eclipsa outros ideais (QUÉRÉ, p. 341)[18]. A crítica de Quéré vai mais longe, lembrando que a própria individualidade não se desenvolve fora da sociedade, das condições propiciadas pelas condições sociais de interdependência (Quéré, 2024, p. 340).

---

[15] "Talvez não tenhamos provas da existência de uma crise de confiança, mas temos inúmeras de uma cultura da suspeição". (O'NEIL *apud* QUÉRÉ, 2024, p. 325).

[16] Em francês, Quéré utiliza duas palavras, *défiance* e *méfiance*: a primeira é um tipo de precaução que não exclui a confiança; a segunda expressa a convicção de uma trapaça.

[17] Para Quéré, a *sui-autorisation* é antinômica de deferir (dar autoridade) ao outro (QUÉRÉ, 2024, p.337).

[18] "A liberdade moderna foi ganha por nossa por nossa fuga dos antigos horizontes morais. As pessoas costumavam se ver como parte de uma ordem maior. [...] Essa ordem hierárquica no universo se refletia nas hierarquias da sociedade humana. [...] A liberdade moderna surgiu pelo descrédito de tais ordens. (TAYLOR, 2011, p. 12)

Se a confiança é central para a organização social e o funcionamento das instituições democráticas, diante dessa crise da confiança, como restaurá-la? Para "restaurar a confiança", em um contexto de pós-verdade, é preciso que haja o reconhecimento da verdade como importante valor social (Quéré, 2024).

Citando Hannah Arendt, Quéré (2024) destaca que a verdade factual é coercitiva e está além do mero consentimento ou opinião, sendo um ponto de apoio necessário para a vida social e para a própria possibilidade de se estabelecer um mundo comum. A crise atual é uma espécie de perda do "senso do fato", onde os fatos deixam de ter o poder de se impor a todos e de exigir o reconhecimento de sua autoridade intrínseca. Na era da autenticidade, o que alguém "sente como verdadeiro" ou sua convicção íntima sobrepõe-se à reflexão racional e à veracidade factual, o que pode levar a desastres éticos e sociais, já que os fatos deixam de servir como baliza para o julgamento coletivo. Essa mudança de paradigma favorece a proliferação de "fatos alternativos" e boatos, que visam a travestir a realidade e mobilizar "paixões tristes", como o medo e o ressentimento.

Nesse contexto, as ligações e experiências imediatas ganham a dianteira, e as mediações são relegadas a segundo plano. A desvalorização dos mediadores tradicionais (imprensa, ciência e instituições) é apresentada como uma consequência direta dessa mentalidade. Especialistas e jornalistas são frequentemente vistos como arrogantes ou tendenciosos, o que impulsiona o crédito dado a canais informais de informação onde a verificação de fatos é inexistente.

A relação entre confiança e verdade é, portanto, uma via de mão dupla, na qual a verdade precisa da confiança para ser comunicada com sucesso, em um ambiente em que autoridades são reconhecidas por suas competências. A confiança, por sua vez, precisa da verdade para evitar uma paralisia coletiva, na medida em que os indivíduos baseiam suas ações em um conjunto de verdades compartilhadas. Quando indivíduos deixam de reconhecer a autoridade e a competência de especialistas, cientistas ou jornalistas, essas figuras perdem o crédito de veracidade, tornando impossível a "comunicação da verdade".

Um dos elementos que chamam atenção no vídeo do Felca é a apresentação de uma argumentação que parte de fatos. Ele exibe dados concretos (vídeos, fatos, comentários) de um problema grave que enfrentamos na sociedade contemporânea. Em um movimento contrário à tendência identificada acima, de desvalorização dos mediadores, Felca aciona especialistas para construir um argumento. Jornalistas, psicólogos, teóricos e outras figuras de autoridade

são convocados para falar sobre o problema que apresenta. Em uma busca pelo "senso do fato", constrói um discurso que se afasta de meras opiniões pessoais. O influenciador também busca se distanciar de uma imagem de trapaceiro ou de aproveitador, na medida em que anuncia que a denúncia que faz não visa a lucros pessoais. Assim, Felca apresenta a si e aos interlocutores que aparecem no vídeo como sujeitos que falam a verdade, com o objetivo de proteger crianças e adolescentes. Dessa forma, faz uso do valor da verdade como um pilar da confiança que estabelece com os públicos que convoca.

Felca faz uso de sua visibilidade (construída em canais informais) como celebridade para denunciar uma situação grave, em um processo intenso de verificação de fatos - e faz isso usando a linguagem e a performance de influenciador. Ele une os mediadores tradicionais à sua visibilidade no YouTube a partir de uma verdade embasada, não apenas de suas opiniões individuais ou de sua sinceridade pessoal. Dessa forma, consegue mobilizar públicos em favor da proteção de crianças e adolescentes, por meio do que Quéré, com base nas reflexões de Dewey (1954), entende como construção de uma inteligência coletiva e a atitude científica aplicada à vida comum.

Para concluir

A intervenção de Felca e o vídeo "adultização", sem dúvida, causaram grande impacto, geraram engajamento, suscitaram reações e intervenções. Sua ampla repercussão provocou debates sobre a regulamentação das redes, além dos riscos a que crianças e adolescentes estão sujeitos no ambiente online.[19] O vídeo evidenciou um problema público que tem que ser encarado e, como dissemos acima, um problema que ameaça as diferentes classes sociais

Para além do problema público, esse episódio nos diz algumas coisas sobre as atuais práticas comunicativas e os novos intermediários da informação e da cultura. A repercussão do vídeo exemplifica como um influenciador digital, inserido na lógica de visibilidade e competição neoliberal, pode transcender o nicho do entretenimento para se tornar um agente de mobilização pública. O sucesso da denúncia não decorreu apenas da gravidade do tema, mas da construção de uma interação focada que rompeu com o clima de suspeição generalizada que marca as redes sociais. Abrindo mão da monetização e produzindo um material de impacto,

[19] Vale destacar que países como a Austrália (pioneira, desde 2024) e Espanha (a partir de fevereiro de 2026) instauraram uma regulamentação que proíbe o uso de redes sociais por menores de 16 anos, além da verificação de idade pelas plataformas.

Felca conseguiu restaurar, ainda que pontualmente, o "senso do fato". Ele não se apresentou apenas como uma celebridade em busca de engajamento, mas como um sujeito preocupado socialmente, que utiliza sua visibilidade para validar verdades factuais que exigem reconhecimento coletivo. A confiança depositada nele pelos públicos foi manifestada por comentários e por ações concretas como doações, denúncias e até a promulgação da "Lei Felca".

Apesar da dispersão e da fragmentação da esfera pública, esse caso constata também que a sociedade ainda se mobiliza por alguns temas e que a exploração sexual de crianças, quando exposta, gera comoção e repulsa. Mas é preciso salientar que a repercussão alcançada está muito relacionada com o meio e a linguagem onde o problema ganhou forma. A exploração sexual de crianças existe em nosso país (e no mundo) fora das redes; denúncias e medidas protetivas são tomadas, mas seu alcance é limitado, e também é pouco expressivo o posicionamento da sociedade. As redes sociais têm esse papel de chegar mais longe e gerar maior comoção, o que evidencia o paradoxo do mundo digital: ali circula de tudo, é zona "não confiável", local de risco. Por outro lado, é também graças a seu poder de penetração que denúncias ganham corpo e suscitam medidas de controle.

A mesma ambiguidade das redes se revela no papel exercido pelas "celebridades" no mundo contemporâneo. Algumas exercem uma influência nefasta, individualizam questões coletivas, criam situações perversas de exposição de pessoas (sem falar no que muitas se submetem em busca de fama e sucesso). Mas a mediação delas é também poderosa, e o engajamento de famosos é essencial para que ocorrências ganhem luz, distorções sejam evidenciadas, gerando o envolvimento de amplos setores da sociedade. Em suma: os célebres geram engajamento em torno de si, também podem levar seus públicos a se engajarem em torno de questões sociais mais amplas. O caso demonstra, ainda, que, apesar da propalada falta de confiança nas instituições, é a elas que se recorre em busca de solução; é delas que se espera um posicionamento de firme enfrentamento ao problema.

Finalmente, reações contrárias e episódios como a "Revolta do Roblox" demonstram que o combate ao mal uso das redes é permeado por tensões, especialmente quando as medidas de proteção colidem com a autonomia ilusória de usuários e plataformas. Nesse movimento, figuras como Felca operam como elos fundamentais entre os novos regimes de visibilidade e a necessidade de uma inteligência coletiva. Conforme apresentado por Quéré, essas são as únicas

garantias contra a propaganda e a mentira generalizada. A confiança deve ser tratada como um fenômeno socialmente produzido que exige a manutenção de um mundo onde os fatos voltem a ter autoridade e onde a veracidade seja novamente uma regra de conduta reconhecida por todos. Somente através de um público educado e capaz de distinguir opiniões de fatos será possível superar o clima de suspeição que ameaça a democracia como *modo de vida* (DEWEY, 1954).

Referências

ABIDIN, C. ABIDIN, Crystal. Visibility labour: Engaging with Influencers' fashion brands and #OOTD advertorial campaigns on Instagram. **Media International Australia**, 161(1), 86-100, 2016.

BAUMAN, Z. **Modernidade Líquida**. São Paulo: Zahar, 2021.

DARDOT, P; LAVAL, C. **A nova razão do mundo:** ensaio sobre a sociedade neoliberal. São Paulo: Boitempo, 2016.

DEWEY, J. **The public and its problems.** Chicago: Swallow Press, 1954.

FRANÇA, V. Celebridades: identificação, idealização ou consumo? In: FRANÇA, V.R.V.; FREIRE FILHO, J.; LANA, L.; SIMÕES, P.G. (Orgs.) **Celebridades no século XXI:** transformações no estatuto da fama. Porto Alegre: Sulina, 2014. p. 15-36.
FRANÇA, V. O objeto e a pesquisa em comunicação: uma abordagem relacional. In: MOURA, C. P. M; LOPES, M. I. V. M (Org.). **Pesquisa em comunicação:** metodologias e práticas acadêmicas. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016. p. 153-174.

FRANÇA, V.; LEURQUIN, C. Felipe Neto: uma celebridade política? **RuMoRes**, São Paulo, v. 16, n. 31, p. 15-41, 2022.

FRANÇA, V; SIMÕES, P. Perfis, atuação e formas de inserção dos famosos. In: FRANÇA, V; SIMÕES, P; PRADO, D. (Orgs.). **Celebridades no Século XXI:** v.2: diversos perfis, diferentes apelos. Belo Horizonte: Selo PPGCOM, 2020. p. 31-58.

GARFINKEL, H. **Estudos de etnometodologia.** Editora Vozes. 2018

GOFFMAN, E. **Gender Advertisements.** Cambridge: Harvard University Press, 1979.

GOFFMAN, E. Footing. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Org.). **Sociolingüística Interacional**. (Orgs.) 2. ed. São Paulo: Loyola, 2002. p. 107-148.

GOFFMAN, E. **Comportamento em lugares públicos.** Petrópolis: Vozes, 2010.

HEINICH, N. **Resumo De la visibilité [Da visibilidade].** Blog do Labemus, 2021. Disponível em: https://blogdolabemus.com/2021/05/05/resumo-de-de-lavisibilite-excellence-et-singularite-en-regime-mediatique-por-nathalie-heinich. Acesso em: 4/2/2025.

HARDIN, R. Conceptions and explanations of trust. In: COOK, K. S. **Trust in Society.** New York: Russell Sage Foundation, 2001. p. 3-39 *apud* QUÉRÉ, L. **Avoir la confiance.** Paris: Puf, 2024.

KARHAWI. I. Entre Algoritmos, Métricas de Engajamento e Plataformas Digitais: Influenciadores Digitais e Trabalho de Visibilidade. **Revista Latinoamericana de Ciencias de la Comunicación,** São Paulo, v.23, n.46 MAI./AGO. 2024.

KARHAWI. I.; PRAZERES, M. Exaustão algorítmica: influenciadores digitais, trabalho de plataforma e saúde mental. **Reciis – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação & Inovação em Saúde**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 4, p. 800-819, out.-dez. 2022

LAVAL, C. **Foucault, Bourdieu e a Questão Neoliberal**. São Paulo: Editora Elefante, 2020. 316 páginas.

O'NEILL, O. **A Question of Trust**. The BBC Reith Lectures 2002, Cambridge, Cambridge University Press, 2002. *apud* QUÉRÉ, L. **Avoir la confiance.** Paris: Puf, 2024.

PEIRCE, C. [1877] **A fixação da crença.** Disponível em:http://bocc.ufp.pt/pag/fidalgo-peirce-how-to-make.pdf. Acesso em: 28 de janeiro de 2026.

PEIRCE, C. [1878] **Como tornar as nossas ideias mais claras.** Disponível em:http://bocc.ufp.pt/pag/fidalgo-peirce-how-to-make.pdf. Acesso em: 28 de janeiro de 2026.

QUÉRÉ, L. **Avoir la confiance.** Paris: Puf, 2024.

TAYLOR, C. **A ética da autenticidade**. São Paulo: Realizações Editora, 2011.